

Cenário Econômico Janeiro/2022

No mês de janeiro houve a volta das preocupações em torno da Covid19. O número de casos cresceu exponencialmente, com recordes em diversos países, mas o número de óbitos é bastante inferior ao registrado nas variantes anteriores. Muitos Governos têm sinalizado tratar o coronavírus de forma endêmica, o que ocorre a exemplo de vírus de gripe tradicionais. Se assim for, haverá maior expectativa quanto ao aumento da mobilidade, solução para gargalos das cadeias econômicas globais e recuperação econômica.

Do ponto de vista dos mercados, o movimento mais saliente deveu-se a postura mais agressiva por parte do Fed no que se refere ao combate à inflação. O início do ciclo de aumento de juros teve a sua data praticamente marcada para março próximo, e a curva de juros já embute quase 5 altas neste ano. Com isso, houve forte realização da bolsa americana, com o S&P500 chegando a recuar 9,5% no mês, para fechar em queda de 5,9%. Foi a queda mais acentuada desde março de 2020, quando o S&P500 caiu 12,5%, em resposta ao início da pandemia. O setor mais afetado foi o de tecnologia. Apesar do evento ter sido, de certa forma esperada, o tom mais duro, alinhado aos altos preços das ações no mercado americano que passaram por forte valorização nos últimos anos, levou a um momento de venda generalizada para aquisição de ativos mais descontados, entre eles o Brasil.

No Brasil, o foco está na pressão inflacionária e na pressão por aumento de gastos. O ano começou com a pressão dos funcionários públicos por reajustes, levados pela promessa do presidente de contemplar somente as forças policiais. Ameaças de greve e operações-padrão deixaram claro que os ganhos inflacionários que geraram o bom resultado fiscal de 2021 serão, de um modo ou de outro, consumidos ao longo do tempo. Além disso, outras pressões por gastos se avolumam em um ano eleitoral, destacando-se as discussões a respeito da zeragem de impostos sobre combustíveis.

Todos esses fatores, em especial à alta da taxa de juros nos EUA levaram ao novo aumento dos juros futuros no Brasil, impactando negativamente a renda fixa. No entanto, na contramão, houve fluxo positivo de recursos para a bolsa brasileira, talvez a principal razão seja os preços bastante descontados. Com isso o IBrX apresentou valorização de 6,9%. Tal fluxo de recursos também fez com que houvesse apreciação cambial, com valorização de 4,2% do Real.

Com esse cenário mais benigno em renda variável, apesar do baixo desempenho em renda fixa e ações no exterior, as rentabilidades dos Perfis Moderado e Agressivo foram beneficiadas. Todos os Perfis tiveram performance positiva. Para os próximos meses, sinais de muita volatilidade, sobretudo no ambiente doméstico em meio ao cenário eleitoral.